**COMUNIDADE ECLESIAL DE BASE E MOVIMENTOS SOCIAIS POPULARES EM ANTÔNIO CARDOSO (2001-2008).**

**INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa enfoca a interação entre fé e luta social no município de Antônio Cardoso, Bahia. Organizados em associações, movimentos e sindicatos pessoas conviviam com a expectativa de melhorias de suas vidas em lutas reivindicatórias por direitos sociais básicos à sobrevivência humana. Sustentados na fé por sujeitos religiosos que chegaram ao município no ano de 2002, religiosas missionárias da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry, que traziam consigo um novo jeito de pensar a função do catolicismo diante das problemáticas vividas pelos pobres e miseráveis de Antônio Cardoso.

Esse novo jeito de pensar e agir como católico no Brasil é característico de um movimento evangelizador pastoral que surgiu num contexto de intensa repressão política, por volta de 1960, denominado comunidades eclesiais de base (CEBs). Para Frei Betto:

“As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou da capela (rural), por iniciativa de leigos, padres ou bispos. [...] De natureza religiosa e caráter pastoral, as CEBs podem ter dez, vinte ou cinqüenta membros” [[1]](#footnote-1).

É esse caráter pastoral e religioso que mais diferencia as CEBs dos movimentos sociais específicos como sindicatos, associações, apesar destas terem contribuído fortemente na organização de alguns sindicatos, associações e movimentos de cunho reivindicativos pelos direitos dos pobres, trabalhadores, agricultores e jovens excluídos. Muitos animadores de pastorais populares e das CEBs tornaram-se dirigentes destas entidades e alguns, inclusive, manifestaram apoio direto a partidos de esquerda por serem ligados aos movimentos populares[[2]](#footnote-2).

A questão de pastorais populares e CEBs estarem em conexão com partidos políticos de esquerda teve como consequência controvérsias a respeito da filiação de membros destas em tais partidos, o que fez com que religiosos como Frei Betto reagisse a críticas lançadas às CEBs quanto à questão desta ter se tornado células de partido

“um dos religiosos brasileiros mais identificados com o PT, Frei Betto contrapôs-se à idéia de que as CEBs e a Pastoral Popular teriam se convertido em células do partido, afirmando que, muito pelo contrário, a arraigada eclesialidade das CEBs foi um impedimento à filiação massiva ao PT” [[3]](#footnote-3).

Como se observa, a política partidária fazia parte das pautas das CEBs no contexto em que estas surgem, até os dias atuais. Ainda, para Costa[[4]](#footnote-4) a nova conjuntura política (década de 1980), Campanha das Diretas Já, encerramento do período ditatorial com Tancredo Neves eleito pelo voto popular, trouxe para a pastoral popular um duplo influxo: o tímido recuo do envolvimento com a política partidária por parte de alguns membros e o iminente engajamento de outros agentes em ambientes mais amplos devido às inevitáveis divisões sindicais e partidárias.

Existem, no entanto, outras avaliações sobre a trajetória das CEBs. Assim, é salutar discutir além do seu cunho religioso, pastoral e político outras que permeiam essa organização pelo Brasil para uma melhor compreensão do seu desenvolvimento e consolidação como uma importante via de evangelização para a igreja Católica, respaldada pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) [[5]](#footnote-5). Nessa perspectiva, para Santos[[6]](#footnote-6) as CEBs foram os principais suportes e apoio às ideias defendidas pela Teologia da Libertação. Esta, por sua vez influenciada pelo marxismo que fazia parte das discussões de intelectuais religiosos, ateus, mas que, tinham em comum o sonho de um mundo socialista.

A Teologia da Libertação difundida por Frei Leonardo Boff marca um novo momento do Cristianismo, as ideias marxistas circulavam pela igreja Católica vista por uma ótica que vislumbrava mudanças de atitudes de padres, bispos. A base recebe apoio de parte da hierarquia da igreja Católica, assim essa demonstrava que estava mudando ao preferir apoiar setores populares na luta por justiça e vida digna. Entretanto, era comum encontrar resistência, pois

“[...] los sectores más conservadores, especialmente las jerarquias de las referidas comunidades, condenaban el pensamiento progresista y la Teologia de la Liberación de forma bastante agresiva”[[7]](#footnote-7).

Outro reforço às pastorais sociais, conforme Reginaldo,[[8]](#footnote-8) decorre da influência de padres e religiosos franceses, intelectuais que refletiam sobre os problemas sociais e traziam uma nova leitura de cristianismo. A autora indica a influência do padre francês François L’Espinay e seus questionamentos que suscitaram inquietações sobre a situação do negro dentro da Igreja, o que promoveu posteriormente a organização de negros na Igreja paulista, que culminou na fundação do Grupo de União e Consciência Negra, em 1981. Nesse contexto o debate passara de social e político para contemplar questões étnico-raciais. Isso pode também ser verificado em ações do Conselho Missionário Indigenista (CIMI) em defesa dos povos indígenas do Brasil. Soares[[9]](#footnote-9) também detectou influência de um padre francês, Jacques Dusquene, na organização das CEBs em Volta Redonda, Rio de Janeiro. Nota-se que em grande parte do Brasil essas organizações foram suplantadas e organizadas sob a influência estrangeira de padres missionários/operários que traziam elementos novos para reforçar o trabalho de base nas dioceses.

O nascimento das CEBs fez surgir uma nova forma de ser Igreja, menos centralizadora, cedendo espaço para a participação e engajamento de leigos na Igreja reconhecendo estes como bases de sustentação de um novo cristianismo. Transformou as estruturas da Igreja católica, renovando-a e colocando-se em contato com a realidade social e os problemas da sociedade contemporânea. A partir desse processo a Igreja se renova e está apta a cumprir sua função religiosa e também social participando da luta social pela promoção e garantia dos direitos dos cidadãos. Nessas circunstâncias sindicatos, associações, movimentos populares ganham fôlego, pois vê na instituição Igreja Católica uma forte aliada que é, ainda, influente nas decisões de legisladores, juristas e executivos do país.

É nessa perspectiva que será analisada a influência da Congregação Irmãs de São José (cunho de CEBs) [[10]](#footnote-10) nas atividades sindicais, associativas, legislativas, executivas e de movimentos populares do município de Antônio Cardoso no período de 2001 a 2008.

**JUSTIFICATIVA**

Embora o município de Antônio Cardoso possuir uma população predominantemente católica e organizações sociais que se destacam no Brasil e no exterior pelo desenvolvimento de ações políticas que visam à melhoria na qualidade de vida dos munícipes. Não dispõe de nenhum trabalho acadêmico que tenha sistematizado as mobilizações sociais e religiosas que tinham como foco prioritário a intervenção na condução das políticas públicas do município.

Nessa dimensão a pesquisa com a temática comunidade eclesial de base e movimentos sociais populares em Antônio Cardoso (2001-2008) vem para sanar parte da defasagem de pesquisas relativas ao município, principalmente, no que se refere à interação entre fé e política que é o foco dessa pesquisa.

Quanto à escolha do tema o que mais me motivou foi o fato de serem áreas do conhecimento que fazem parte do meu cotidiano, pois sou militante social e participante de órgãos da Paróquia Nossa Senhora do Resgate das Umburanas que realizam trabalhos mais relativos à fé de jovens cristãos católicos como a Pastoral da Juventude.

Outro aspecto que me fez decidir realmente o tema foi relativo ao acesso às fontes, haja vista que num primeiro momento a ideia era pesquisar o processo de colonização e povoamento das Umburanas no século XVII, mas demandava maior disponibilidade de tempo para viagens a cidades como Salvador, Castro Alves, Cachoeira, São Gonçalo dos Campos pelo fato das fontes que tratam do assunto estarem em arquivos desses municípios. E, com a temática escolhida as fontes que utilizarei como atas, folhetins informativos e relatórios de atividades de entidades sociais elencadas estão no município e disponíveis para serem utilizados em quaisquer trabalhos sobre Antônio Cardoso.

**OBJETIVOS**

**Geral**

Analisar os discursos de militantes sociais, religiosos buscando compreender a conjuntura política de Antônio Cardoso no período compreendido entre 2001 a 2008 de século XXI. Período em que o município foi palco de intensas mobilizações sociais na luta por garantias de direitos básicos à vida humana.

­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­­**Específicos**

* Contribuir na divulgação da história do município;
* Refletir sobre a função social da igreja Católica em Antônio Cardoso;
* Identificar ações de CEBs ou CEBs no município;
* Discutir a função social de movimentos sociais populares;

QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

A partir do se pretende pesquisar o nosso olhar é direcionado para o campo de estudo da História Social. Nesse sentido, Hobsbawm[[11]](#footnote-11) chama atenção à dificuldade que existe em definir um modelo para explicar essa abordagem, no sentido de colocar o que é pretendido quando mencionamos a necessidade de fazer um estudo totalizante. Para esse autor, a “história da sociedade é, entre outras coisas, a história de unidades específicas de pessoas que vivem juntas”. Para o autor a sociedade é

“[...] simplesmente um dentre vários conjuntos de inter-relações humanas de escala e amplitude variada, nos quais as pessoas podem ser classificadas ou classificam a si mesmas, muitas vezes com simultaneidade e superposições[[12]](#footnote-12)”.

Hobsbawm, noutra dimensão atenta para os deslizes que alguns historiadores cometem ao tratar a história da sociedade sem se preocupar com o viés econômico. Assim propõe que a história da sociedade não pode ser dissociada da análise econômica, mesmo sendo cético quanto à teoria econômica mais corrente fornecer uma estrutura coerente para a análise da sociedade, não se deve desprezar, pois mesmo as análises mais superficiais podem conter o mais importante no estudo que, é o processo histórico.

Assim, é certo que a História Social estabelece certa estrutura que valoriza o estudo por sujeitos coletivos. Todavia isso de forma alguma torna excludente que este sujeito parte deste coletivo, seja também objeto de estudo e de que a estrutura estabelecida seja vista em seu movimento histórico.

Pretende-se aqui considerar “a singularidade do acontecimento e da ação do sujeito, por um lado, e a totalidade muito mais complexa de relações da qual aquela singularidade é uma parte, exatamente porque é a negação determinada um do outro, se determinam reciprocamente, a parte não existe, como tal, fora da relação com o todo”.

Como se nota o período histórico da pesquisa (2001-2008) se configura com História do Tempo Presente. Esta ao mesmo tempo em que apresenta uma pluralidade de fontes (jornais, revistas, faixas, banners, documentários, fotografias, sites em internet, atas, relatos orais e escritos, música, etc.) e de temas (formas de organização e militância de trabalhadores urbanos e rurais, atuação da imprensa, formas de expressão de atividades culturais, propaganda e representações, intelectuais na política, memória de grupos sociais, etc.), ainda é um campo pouco explorado e visto com descrédito pelo fato do historiador do presente ser contemporâneo do seu objeto de estudo e, por isso, as memórias sobre acontecimentos e processos são referências fundamentais para a construção do conhecimento histórico por ele produzido[[13]](#footnote-13). O que para muitos não adeptos dessa tendência historiográfica, apresenta-se como um problema na produção científica, pois o historiador está mais suscetível a análises limitadas (emocionais) - o que não descaracteriza o trabalho, haja vista possuir metodologias inerentes à História -, produções que se assemelham às de jornalistas, muitas vezes informativas. Contudo Chauveau & Tétard salienta que trabalhos jornalísticos podem conter metodologias próprias da História o que denominam de mestiçagem metodológica[[14]](#footnote-14).

A metodologia para a pesquisa da História do Tempo Presente integra procedimentos diversificados e acesso a várias fontes. Entende-se que se tenha o mesmo rigor necessário a estudos referentes a outros períodos da história, incluindo seleção de fontes e análise crítica da documentação pesquisada e/ou produzida[[15]](#footnote-15).

Outro referencial teórico que utilizaremos apesar de algumas vertentes marxistas encararem a religião somente como “o ópio do povo” é a dimensão social da religião expressa por Marx:

“[...] a angústia religiosa é, por um lado, a expressão da real e, por outro lado, o protesto contra a angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, a alma de um mundo sem coração, tal como é o espírito está excluído” [[16]](#footnote-16).

Esse por sua vez, torna-se fundamental se considerarmos que muitas construções teóricas produzidas por uma gama de pesquisadores, estão sob uma ótica marxista, inclusive alguns trabalhos já citados na bibliografia dessa pesquisa como, por exemplo, Costa[[17]](#footnote-17).

**As fontes**

Quanto aos aspectos relacionados à Metodologia a pesquisa que venho realizando com a temática comunidade eclesial de base e movimentos sociais populares em Antônio Cardoso (2001-2008). Dispõe de fontes como: atas, jornais e conseguintes entrevistas. As atas e jornais fazem parte do arquivo das entidades elencadas: Fórum de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável, Associação Comunitária Rural de Paus Altos, Associação Florescer, Associação Comunitária Rural de Santo Estevão Velho, Movimento de Jovens de Antônio Cardoso, Paróquia Nossa Senhora do Resgate das Umburanas. Nelas estão presentes registros de assembleias para tomadas de decisões inerentes a cada entidade, no que se refere às atas, entretanto o desenrolar de algumas decisões não podem ser vistas nas várias atas pesquisadas até o momento, dessa forma, foi necessário subsidiá-las com relatórios de atividades das entidades. Tais relatórios apresentam detalhes da participação dos movimentos em eventos, ações desenvolvidas em prol de suas respectivas comunidades.

Nota-se, também nesses relatórios, atas e jornais a preocupação de associações e movimentos com a capacitação de seus membros. Instruí-los era a forma mais eficaz de comprometê-los com as causas sociais.

“O processo de capacitação dos integrantes do Fórum foi realizado pela UEFS, no período de 02 de fevereiro a 10 de março de 2001, beneficiando 40 membros, entre titulares e suplentes” [[18]](#footnote-18).

Assim, esses movimentos puderam participar de Conselhos Municipais de Direitos coletivos consultivos ou deliberativos, elaborar e executar projetos sociais, propor mudanças nas estruturas da sociedade cardosense a legisladores e executivos.

Esses documentos além do que já foi exposto trazem consigo momentos de reflexões sobre a conjuntura política de Antônio Cardoso no período proposto a ser estudado (2001-2008). Evidenciando a necessidade de se fortalecer os partidos de esquerdas e objetivar o poder político do município[[19]](#footnote-19).

Noutra perspectiva as caligrafias das atas revelam-se preocupantes, pois as formas de escritas dos responsáveis em lavrar as atas de algumas entidades em dados momentos assemelham-se às de pessoas semianalfabetas, são “emaranhados” de palavras faltando letras ou tão incompreensíveis que denotam que tais entidades, ainda são geridas por pessoas com baixo grau de escolaridade o que é preocupante por revelar um município ineficiente no desenvolvimento das políticas públicas educacionais. Vejamos:

“[...] A. E. J. Segunda Secretaria que Por motivo de ouzeceio nos reunioo esta cendo afastada do cargo. J. B. S. S. Suplente de Conselho Fiscal que Por motivo de alzecia nas reunião esta cendo afastado do cargo e Prnonecendo com o sócio”[[20]](#footnote-20).

Poe essas e outras razões uma das entidades, o Movimento de Jovens de Antônio Cardoso propôs ao poder público local uma ação educacional para acesso e permanência de jovens negros e rurais em universidades da região: Cursinho pré-vestibular Educar para Mudar, outras ações nessa dimensão foram encaminhadas ao poder público local como clamor para redução do analfabetismo no município.

Ainda, sobre a escrita para Chartier a falta de prática faz com que os sujeitos percam o domínio da escrita[[21]](#footnote-21). O que revela que muitos são poucos leitores e o acesso a leitura é restrito a alguns grupos e/ ou sujeito individualmente. Mesmo com avanços nos setores educacionais das sociedades modernas e contemporâneas a apreensão da leitura e da escrita por sujeitos que outrora foram excluídos do processo histórico de uma comunidade é evidenciado quando estes se atentam para a participação social. Durante séculos mulheres, por exemplo, foram limitadas a educação para o lar, saber ler e escrever eram honrarias dedicadas aos homens[[22]](#footnote-22). Mulheres também foram excluídas do processo de participação reivindicativa[[23]](#footnote-23) e para as secretárias de associações e movimentos o acesso a leitura e escrita foi um processo também tardio

Segue algumas atas, já catalogadas:

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| Nº. do livro | Entidade | Período (ano) | Conteúdo |
| 001 | Movimento de Jovens de Antônio Cardoso – MOJAC. | 2006-2008 | Fundação, oficinas de formação, seminários, avaliação de atividades, planejamentos. |
| 001 | Associação Comunitária Florescer – ACOF. | 2008-2008 | Fundação, capacitações |
| 001 | Associação Comunitária Rural de Santo Estevão Velho – ASCORSEV | 1980 (Séc. XX)-2008 | Fundação, atividades, prestação de contas. |
| 001 | Associação Comunitária Rural do Tabuleiro de Paus Altos – ASCORTAPA. | 2002-2008 | Fundação, oficinas de formação, intercâmbios, P1MC. |
| 001 | Fórum de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável – FDLIS ou Fórum DLIS. | 2001-2008 | Fundação, programas e projetos executados, eventos realizados, P1MC. |
| 001 | Igreja Católica | 2000-2008 | Reuniões do Conselho Paroquial |

Os jornais (Alerta!) datam do ano 2002 a 2006. Neles estão contidas informações sobre as entidades relacionadas na pesquisa, das atuações de executivos e legislativos do município de Antônio Cardoso. A pesquisa histórica com fontes impressas, assim como com outras fontes exigem de forma sistemática a crítica documental. Os veículos da grande imprensa têm material em quantidades e qualidades significativas, mas o levantamento de dados é bem mais trabalhoso. Esse recurso havia sendo utilizado somente para pesquisar eventos antigos e, portanto, menos registrados. No Brasil, segundo Luca (2005, p.111)[[24]](#footnote-24) na década de 1970, ainda, era muito pequeno o número de trabalhos de história do país que se valia de fontes impressas como jornais e revistas. Só a partir da década de 1980 essas fontes ganham folego em produções historiográficas do Brasil, haja vista a amplitude de material produzido pela imprensa especializada.

Utilizaremos também a metodologia da história oral como recurso fundamental na pesquisa, pois as atas, jornais e relatórios catalogados evidenciam a necessidade de inclusão de narrativas de testemunhas oculares de atos e manifestações que ocorreram em Antônio Cardoso no contexto proposto de estudo (2001-2008). O trabalho com história oral compreende todo um conjunto de atividades anteriores e posteriores a gravação dos depoimentos. Antes de tudo é preciso pesquisar exaustivamente o que se deseja e levantar dados para a preparação dos roteiros das entrevistas. Após a gravação dos depoimentos deve-se reservar um tempo salutar para a transcrição e/ou tradução das entrevistas, estima-se que para uma hora de gravação é preciso disponibilizar cinco horas para transcrição[[25]](#footnote-25).

**REFERÊNCIAS**

ALBERTI, Verena. Fontes Orais. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. SP: Contexto, 2005, pp. 155-202.

BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. SP: Contexto, 2005, pp. 23-79.

BARROS, José D’Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha ao tema do quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BETTO, Frei. **O que é comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger. **História da vida privada: da Renascença ao século das luzes**. (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHAUVEAU, Agnès & TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

COSTA, Iraneidson Santos. **Que papo é esse?: intelectuais religiosos e classes exploradas no Brasil (1974-1985)**. Salvador: UFBA, 2007. Tese de doutorado em História.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição Oral e História Oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos & Abusos da História Oral**. RJ: FGV, 2006, pp. 149-164.

FERNANDES, Dom Luís. Como se faz uma comunidade eclesial de base. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1984.

HOBSBAWM, E. J. **Sobre historia: ensaios**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998. 336p

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920)**. Salvador: Quarteto, 2005.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impresas. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). **Fontes Históricas**. SP: Contexto, 2005, pp. 111-153.

MARX, Karl. Critica da Filosofia do Direito de Hegel. Lisboa, 1975

MARX, Karl. O dezoito brumário de Luís Bonaparte. In: MARX, K. e ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. São Paulo, Alfa-Ômega, [s.d.], vol. 1.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

REGINALDO, Lucilene. **“A história que não foi contada”: identidade negra e experiência religiosa na prática do Grupo de União e Consciência Negra (1978-1988)**. São Paulo: PUC, 1995. Dissertação de mestrado em História.

SANTOS, Rita Evejânia dos. **Interação fé e vida: a “caminhada” das comunidades eclesiais de base em Feira de Santana (1980-2000)**. Feira de Santana: UEFS, 2010. Monografia de conclusão de curso.

SILVA, Elizete da. Protestantismo y teología da la liberación. In: GONZALEZ, A. Prieto & CALZADILLA, J. Ramirez. **Religion, cultura y espiritualidad a las puertas del tercer milenio**. Habana. Caminos, 2000

SOARES, Paulo Célio. **A atuação adas Cebs em Volta Redonda (1974-1979)**. In: http://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/4427. Acesso em: 14 de dezembro de 2010.

1. BETTO, Frei. O que é comunidade eclesial de base. São Paulo: Brasiliense, 1981. Pag. 16. [↑](#footnote-ref-1)
2. COSTA, Iraneidson Santos. Que papo é esse?: intelectuais religiosos e classes exploradas no Brasil ( 1974-1985). Salvador: UFBA, 2007. Pag. 224. Tese de doutorado em História. [↑](#footnote-ref-2)
3. Idem. Resposta a críticos das CEBs. [↑](#footnote-ref-3)
4. Idem. [↑](#footnote-ref-4)
5. Sobre CNBB e CEBs ver: Folhetim da 48ª Assembleia Geral da CNBB. Brasília: Editora Fonte Viva, 2010. [↑](#footnote-ref-5)
6. SANTOS, Rita Evejânia dos. Interação fé e vida: a “caminhada” das comunidades eclesiais de base em Feira de Santana (1980-2000). Feira de Santana: UEFS, 2010. Monografia de conclusão de curso. [↑](#footnote-ref-6)
7. SILVA, Elizete da. Protestantismo y teología da la liberación. In: GONZALEZ, A. Prieto & CALZADILLA, J. Ramirez. Religion, cultura y espiritualidad a las puertas del tercer milenio. Habana. Caminos, 2000. Pag. 179. [↑](#footnote-ref-7)
8. REGINALDO, Lucilene. “A história que não foi contada”: identidade negra e experiência religiosa na prática do Grupo de União e Consciência Negra (1978-1988). São Paulo: PUC, 1995. Dissertação de mestrado em História. [↑](#footnote-ref-8)
9. SOARES, Paulo Célio. A atuação adas Cebs em Volta Redonda (1974-1979). In: <http://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/4427>. Acesso em: 14 de dezembro de 2010. [↑](#footnote-ref-9)
10. Nota-se isso nas fontes que tratam da atuação das Irmãs de São José catalogadas até o momento: atas e jornais. [↑](#footnote-ref-10)
11. HOBSBAWM, E. J. Sobre historia: ensaios. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998. 336p [↑](#footnote-ref-11)
12. Idem. Pag. 92. [↑](#footnote-ref-12)
13. CHAUVEAU, Agnès & TÉTART, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru, SP: EDUSC, 1999. [↑](#footnote-ref-13)
14. Idem. Pag. 23. [↑](#footnote-ref-14)
15. Idem. [↑](#footnote-ref-15)
16. MARX, Karl. Critica da Filosofia do Direito de Hegel. Lisboa, 1975. Pág. 46 [↑](#footnote-ref-16)
17. COSTA, Iraneidson Santos. Que papo é esse?: intelectuais religiosos e classes exploradas no Brasil ( 1974-1985). Salvador: UFBA, 2007. Tese de doutorado em História. [↑](#footnote-ref-17)
18. Trecho de matéria do jornal ALERTA! Do Fórum DLIS como seguinte título: FORUM DE DESENVOLVIMENTO DLIS. Sobre capacitação de seus membros para atuarem em sindicatos, associações e movimentos populares em parceria com a Universidade Estadual de Feira de Santana. Informativo Ano I – N. 02, de novembro de 2002. Pag. 1. [↑](#footnote-ref-18)
19. Nota-se em atas e relatórios de associações catalogados. [↑](#footnote-ref-19)
20. Trecho de Ata de Reunião Extraordinária da ASCORTAPA, realizada em 26 de março de 2003. As letras abreviadas correspondem às iniciais de nomes de sócios da referida Associação. Tradução: [...] A. E. J. – Segunda Secretária que por motivo de ausência nas reuniões está sendo afastada do cargo. J.B.S.S. – Suplente do Conselho Fiscal que por motivo de ausência nas reuniões está sendo afastado do cargo e permanecendo como sócio. [↑](#footnote-ref-20)
21. CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger. História da vida privada: da Renascença ao século das luzes (Orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [↑](#footnote-ref-21)
22. LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. Entre a tinta e o papel: memórias de leituras e escritas femininas na Bahia (1870-1920). Salvador: Quarteto, 2005. [↑](#footnote-ref-22)
23. PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. [↑](#footnote-ref-23)
24. LUCA, Tania Regina de. Fontes Impresas. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). Fontes Históricas. SP: Contexto, 2005, pp. 111-153. [↑](#footnote-ref-24)
25. ALBERTI, Verena. Fontes Orais. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org.). Fontes Históricas. SP: Contexto, 2005, pp. 155-202. [↑](#footnote-ref-25)